

ENSAIO

MORTE: um mistério “além” da vida

Emiliana Souza Soares Fernandes

emilianasousa@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Orientadora: Professora Sylvia Abbott Galvão

sylviabbott@cchla.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

“O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível sócio-econômico e credo religioso.”

Maria Julia Kovács

Quem se sente bem ao falar sobre a morte?

Eu, particularmente, declaro que é uma tarefa muito difícil, e ter de redigir um ensaio sobre a finitude da vida é ainda mais complicado, principalmente pelo fato de eu ser tão jovem ainda e ver a morte como algo distante, possivelmente pela ilusória idéia do *carpe diem*.

A concepção que se tem sobre a morte e a atitude do homem diante dela tendem a se modificar, uma vez que essas recebem influências históricas e culturais ao longo do tempo. Da mesma forma, os rituais a ela relacionados variam de acordo com a história de um povo e sua cultura. Apesar da grande quantidade de estudos sobre a morte, essa idéia ainda está estatizada como um tabu na nossa sociedade ocidental, embora faça parte do desenvolvimento do ser.

Pesquisas de arqueólogos e antropólogos afirmam que o homem da época Neanderthal já se preocupava com seus mortos, pois ele enterrava seus mortos e muitas vezes os reuniam juntos de suas casas.

Na sociedade do hindu, a morte é encarada como uma forma de controle demográfico. Quando a “Mãe-Terra” torna-se sobrecarregada de pessoas vivas, ela apela ao deus Brahma que envia, então, a “mulher de vermelho” para transportar pessoas, aliviando assim, os recursos naturais e a sobrecarga populacional da “Mãe-Terra”.

Na cultura dos Antigos de Constantinopla, bem diferente do homem Neanderthal, construía os cemitérios afastados das cidades e das vilas. Os cultos e

honrarias que prestavam aos mortos tinham como objetivo mantê-los distantes de modo que não “voltassem” para perturbar os vivos.

Por outro lado, na Idade Média, os cemitérios cristãos localizavam-se no interior e ao redor das igrejas e a palavra cemitério significava também “lugar onde se deixa enterrar”, por isso eram costumeiramente encontradas valas cheias de ossadas sobrepostas e expostas ao redor das igrejas.

Como sabemos, a Idade medieval foi um período bastante turbulento que, em meados do século XIV, se difundiu uma doença que matou milhares de pessoas (a peste negra), devastando a população europeia. Historiadores calculam que aproximadamente um terço dos habitantes morreu devido a essa doença, guerras e fome. A Peste Negra era transmitida através da picada de pulgas de ratos doentes etc. Como consequência de tal situação, o homem dessa época despertou o temor pela morte. A partir daí, uma série de conteúdos negativos começa a ser associada à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos passam a se relacionar com a morte, provocando um total estranhamento do homem diante desse momento tão perturbador.

Primeiramente ressalto que a temática sobre a morte não é uma discussão atual, pois se têm muitos estudos de filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos sobre esse assunto no decorrer da História da humanidade. Isso porque a morte, embora não faça parte de uma categoria específica, é um assunto que perpassa nossa história e é, sobretudo, uma questão essencialmente humana. A morte é, para tanto, um tema tão antigo quanto o homem.

Em segundo lugar, destaco o significado denotativo da cessação da vida que é a paralisação dos órgãos vitais de qualquer ser humano, como consequência de um fato natural de acordo com os ciclos de vida biológicos: nascer, crescer, reproduzir e morrer.

Em terceiro lugar, se analisarmos a morte do ponto de vista do pensamento ocidental cristão, teríamos outras percepções como, por exemplo, a morte significando ressurreição para a vida eterna ou até mesmo uma passagem para outra vida, isto é, um refúgio que irá nos aproximar de Deus.

Ressaltamos que com o advento do capitalismo iniciou-se uma nova visão sobre a morte, a qual se relaciona com o surgimento do capital como força principal de produção. Nesse sentido, o vivo pode tudo e o morto não pode nada, já que teve sua vida produtiva interrompida.

Nos dias de hoje, consoante Ariès (apud TEIXEIRA, 2003),

Existe uma dimensão “clandestina” para a “expressão” da morte na sociedade contemporânea. No mundo ocidental, o consumismo não pode pactuar com a morte. Quem pensa na morte não procura comprar nem capitalizar. A morte é, pois, a certeza de que o homem volta as costas, procurando deixar este enigma para ser desvendado não se sabe quando.

Podemos constatar que as reações às “perdas” variam de pessoa para pessoa, de forma que estas podem ter reações de nível físico, emocional, social e espiritual de acordo com as circunstâncias que rodeiam a morte de cada ser e o tipo de relação existente entre o moribundo ou defunto e o vivo.

A herança cultural sobre a temática da morte que define nossa visão de morte nos dias atuais constitui um legado das gerações anteriores à sociedade contemporânea e segundo Kovács (1992), cada um de nós traz dentro de si a sua própria representação de morte. Podemos, portanto, inferir que existem vários modos de lidarmos com a finitude da vida.

Kosik (apud RIBEIRO, BARALDI, DA SILVA, 1998, p.2) considera que “a sociedade contemporânea tem refutado cada vez mais a doença e, especialmente, a morte, dando-lhe um caráter pejorativo”.

Quando falamos sobre a morte, ao mesmo tempo em que isso nos ajuda a elaborar a idéia da finitude humana, provoca certo desconforto, pois nos deparamos com essa mesma sensação, ou seja, o inevitável, a certeza de que um dia a vida chega ao fim, tendo em vista o processo natural de cada pessoa.

A finitude da vida é para muitas pessoas considerada algo desagradável, mesmo ela sendo uma fase do processo de vida, assim como o nascer e o crescer.

Como observamos, a morte é considerada ainda um tabu, pois ela mexe com os sentimentos, tendo em vista as inúmeras lembranças que nos provoca quando ficamos em uma situação na qual temos de falar sobre ela. Por isso, é um assunto para o qual, muitas vezes, as pessoas têm como resposta o silêncio ou uma expressão de dor, como se percebeu nos últimos meses com o acidente aéreo que aconteceu no Aeroporto de Congonhas em São Paulo com o avião da TAM. Diante daquela situação trágica, o tema da morte invadiu a mídia brasileira e internacional e notava-se que a morte das milhares de vítimas era vista como “uma dor extrema”, ou, melhor dizendo, “uma dor profunda” e uma “perda irreversível”. Alguns familiares dos mortos quando

entrevistados não tinham palavras para definir e expressar o que sentiam naquele momento.

Convém ressaltar que diariamente constatamos uma perceptível fuga dos seres humanos dos ambientes em que se fala da morte e do morrer, como se, ao não falar da morte ou não ouvirmos sobre a morte, estaríamos, dessa forma, driblando-a e afastando-a de nós. Por conseguinte, podemos destacar a relação da finitude da vida apresentada pela televisão e jornais, com a exposição de noticiários e entrevistas baseados em estatísticas dos altos índices de mortes por diversas causas como acidentes de trânsito. Porém, essa temática entra em nossas casas cotidianamente, mas, na maioria das vezes, trocamos o canal no qual se está veiculando alguma informação sobre a cessação da vida. Assim, observamos que o ser humano tem profundas dificuldades em deparar-se com esse fato, pois ao mesmo tempo em que tentamos nos distanciar dele, ele torna-se algo tão real em nosso dia-a-dia.

Diante do que já foi explanado neste ensaio, perguntamos: a morte é um mistério? Uma tragédia? Uma ressurreição para a vida eterna? Passagem para uma outra vida? Dor extrema? Perda irrecuperável ou fato natural?

É difícil responder a tais perguntas, uma vez que não é fácil lidar com a morte, mas sabemos que todos nós esperamos por ela. Por conseguinte, deixar de refletir sobre a morte não a retarda ou evita. Pensar na temática da finitude da vida pode nos ajudar a aceitá-la e a percebermos que ela é o produto final de qualquer vida e deixa marcas tão importantes em nossas vidas quanto qualquer outra experiência.

Sabemos então que o homem tem criado formas de reduzir sua angústia e medo frente à morte, através de desenvolvimento de pensamentos assentados numa ilusão de encontro pós-morte, de ressurgimento em outra espécie ou, diferentemente, tentando negar essa única certeza da vida. Segundo Morin (apud TEIXEIRA, 2003), é nas atitudes e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental. A morte, consoante o mesmo autor, permanece como um grande mistério para o homem. Ressalto também que a maneira como denominamos a morte hoje depende da “irreduzível contingência das criações sociais” (ZIEGLER, 1977, p. 130).

Algumas pessoas não vêem a morte como parte da vida e não falam sobre ela como uma coisa natural, mas sim como castigo ou punição. Por isso que cada um de nós se depara com diversos sentimentos quando está em uma situação de morte, que nos incita a situações dolorosas. Conforme as autoras Tada e Kovács (2007),

Falar sobre a morte implica lidar com sentimentos de tristeza, pela constatação da nossa finitude e do medo do desconhecido, fragilidade frente à nossa finitude, inconformismo com a nossa terminalidade, interrupção de nossos planos futuros e separação de pessoas queridas. Os medos aqui relatados relacionam-se ao medo da própria extinção e da interrupção de sonhos para o futuro, podendo gerar, na pessoa, sentimentos de impotência por não se poder evitar a morte.

Elias (apud RIBEIRO, BARALDI, DA SILVA, 1998, p.2) define:

a morte como um problema dos vivos, já que os mortos não tem problemas. O pensamento acerca do ato de morrer tem se modificado junto ao processo de transformação da sociedade e está diretamente atrelado ao estado de desenvolvimento de cada sociedade, suas especificidades, valores e ritos. Salienta-se que o ato de morrer foi, em outra época, um assunto muito mais público do que atualmente. Isto se dava pelas próprias características de organização da sociedade medieval, pois a morte era algo constante, pela presença de guerras e pestes que assolavam constantemente [sic]. Além disto, as pessoas viviam mais aglomeradas pela própria dinâmica familiar e planta física das residências, tornando a morte e o nascimento acontecimentos mais cotidianos.

Entretanto, enquanto a morte não vem, temos de viver o hoje de forma tão intensa quanto a incerteza que temos do amanhã que nos faz pensar na finitude da vida, o que nos aciona medos, angústias, defesas e atitudes diferenciadas. Por isso temos de forma imensurável a necessidade de torná-la despercebida. Portanto, vivamos cada dia como se fosse o último...

REFERÊNCIAS

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

RIBEIRO, Maria Cecília; SILVA, Maria Júlia Paes da; BARALDI, Solange. **A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo “pós-morte”**. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/425.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2007.

TADA, Iracema Neno Cecílio; KOVÁCS, Maria Júlia. **Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência**. Disponível em: < http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932007000100010&lng=es&nrm=is > Acesso: em 13 out. 2007.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. **A criança diante da morte**. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/B_morte.html > Acesso em: 13 out. 2007.

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.